

O "DIREITO À EXISTÊNCIA" DE ISRAEL E A CRISE DA CORONA

Posted on 30. April 2020

Ou a forma como a crise da Corona fez a criminalidade passar para segundo plano.

Um ponto de vista de Jochen Mitschka.

A organização israelita dos direitos humanos patrocinada pela UE assinala que, nas três primeiras semanas de Abril, de acordo com o direito internacional, os colonos israelitas ilegais cometeram 23 ataques contra palestinianos, ao passo que, durante todo o mês de Março, se registaram "apenas" 23 ataques. No início de Abril, tornou-se conhecido que os soldados de ocupação israelitas tinham confiscado alimentos e camiões com material médico, fundos destinados aos palestinianos que sofriam de um recolher obrigatório em Jerusalém Oriental ocupada. Segundo consta, o exército distribuiu depois os alimentos entre si e entre os agentes da polícia.

Os soldados israelitas cuspiram em casas palestinianas, aparentemente para espalhar a infecção ou intimidar os residentes. Pelo menos seis crianças palestinianas foram detidas sem ter em conta a distância e as regras de protecção da coroa que de outro modo se aplicam. E apesar do encerramento total imposto aos palestinianos devido à crise da coroa, foram documentados 97 ataques israelitas contra palestinianos, incluindo 59 buscas domiciliárias e 51 detenções. Mais de 670 árvores foram novamente destruídas, desta vez em Hebron, Ramallah e Belém. 1.200 árvores foram derrubadas pelo exército na Cisjordânia ocupada, alegando que se encontravam em terras estatais. O abastecimento de água à Palestina foi deliberadamente danificado. À sombra da crise da Corona, crimes despercebidos iriam provavelmente encher novamente 1.200 páginas.

Talvez seja compreensível que os antigos Estados coloniais da Europa e o império americano, que aniquilaram brutalmente os seus povos indígenas, que há muito tentam impedir que o Médio Oriente desempenhe um papel importante na economia mundial e na política mundial com "dividir para reinar", apoiem a política de ocupação de Israel. Mas os povos destes países têm de mostrar aos seus dirigentes que não estão dispostos a aceitar no século XXI as leis dos mais fortes, como era habitual no século XIX e no início do século XX. Um país que exerce controlo sobre uma área e lhe estende a sua jurisdição não deve ser apoiado enquanto não conceder direitos iguais a todas as pessoas que vivem sob essa jurisdição. Além disso, temos também de deixar de aceitar uma política de expulsão e privação de direitos dos povos indígenas no século XXI. A era da escravatura, da colonização e das guerras de conquista deve finalmente chegar ao fim.

Sempre que declaro que todos os cidadãos de Israel devem ter os mesmos direitos, ou que as pessoas que vivem sob o domínio israelita há mais de 50 anos, sem fim à vista, devem ser reconhecidas como cidadãos e ser-lhes concedidos os mesmos direitos que a todos os outros

cidadãos do país, sou confrontado com as palavras: "Ao fazê-lo, estão a reconhecer que negam o direito de Israel a existir". O que significa, na verdade, que estaria a negar o direito de existir ao apartheid institucionalizado pelo Estado. Mas o que se devia fazer era dar a impressão de que eu defendia um novo Holocausto, com o objectivo de abafar qualquer discussão sobre os direitos humanos em Israel. Exigir que um Estado seja democrático, pluralista, multi-étnico e que os direitos civis não dependam da religião seria, portanto, negar "o direito à existência".

A questão do direito à existência é igualmente problemática de outro ponto de vista, pois não se pode tirar uma conclusão geral sobre a existência de uma coisa e sobre o seu objectivo (ver a este respeito).

Parece-me muito problemático conceder-lhes o direito à existência, pelo facto de os Estados serem entidades históricas. É verdade que com a ONU (seguindo o exemplo de Kant) foi adoptado o direito internacional e, portanto, foram concedidos aos Estados os seus direitos (em especial o direito à autonomia e à inviolabilidade). Neste sentido, existe o direito de existir, mas mesmo isso não é estático, porque, por exemplo, em 1991, com a RDA, desapareceu um Estado soberano. Pelo contrário, é problemático quando algo se torna uma entidade na aceção do direito internacional. Portanto, a conversa sobre um "direito a existir" dá mais uma resposta ideológica do que científica.

Mas este argumento da morte ideológica não é novo. Já na década de 1990, o "direito à existência" era posto em evidência sempre que a argumentação sionista colidia com os direitos humanos. Era tão óbvio que ninguém questionava o direito de Israel ou dos seus habitantes à existência. Para aqueles que utilizaram este argumento assassino, tratava-se apenas de criar sentimentos de culpa, de utilizar o Holocausto como pano de fundo para as suas próprias reivindicações e de fingir que o respeito pelos direitos humanos por parte do Governo israelita equivalia a entregar-se aos carniceiros renascidos do regime nazi.

Mas o Holocausto não foi obra dos palestinianos. Por conseguinte, não devem, certamente, tornar-se as novas vítimas. E não foi obra minha e não foi culpa minha. Mas sim, os meus pais tinham permanecido em silêncio, tinham olhado para o lado, tal como a massa de pessoas na Alemanha de hoje, mas especialmente como os políticos no Bundestag, como olham para o lado, para não verem o que está a acontecer aos palestinianos sob o domínio israelita.

Em vez disso, porém, o estabelecimento do mundo ocidental afirma que há pessoas que fugiram para a sua "pátria" e que só têm de se defender contra os terroristas violentos que são os palestinianos. Com algumas centenas de bombas atómicas e o exército mais poderoso de toda a região. Porque estes terroristas seriam perigosos e teriam como objectivo "empurrar os judeus

para o mar".

Este uso da linguagem na criação de percepções é fascinante. Esta prática - frequentemente denominada "diplomacia pública" - tornou-se um instrumento indispensável no mundo da geopolítica. E, evidentemente, não há qualquer referência, neste contexto, à visão oficial dos colonos de si próprios como um povo escolhido e, portanto, acima de todos os outros povos, nem ao facto de existirem círculos políticos influentes em Israel que, implicitamente, mas também explicitamente, consideram os palestinianos como inferiores e, na melhor das hipóteses, como escravos.

Mas vejamos o que é dito às pessoas que não são extraterrestres. Os Estados Unidos e Israel criaram um discurso oficial global sobre esta questão e estabeleceram parâmetros rigorosos que tornam o conteúdo e a direcção deste debate cada vez mais limitados. Tudo o que é discutido fora destes parâmetros era até há pouco tempo considerado em grande parte irrealista, improdutivo e até subversivo.

A autorização para participar no debate limita-se àqueles que aceitam os princípios mais importantes: a hegemonia regional de Israel e a sua vantagem militar qualitativa; a aceitação da lógica vacilante em que se baseia a reivindicação do Estado judeu à Palestina; e a aceitação da inclusão e exclusão de certas partes, movimentos e governos regionais em qualquer resolução de conflito.

Os movimentos de libertação expressamente reconhecidos pela Assembleia Geral da ONU são referidos como organizações terroristas, não são mencionados 3.000 assassinatos pelos serviços secretos israelitas. Há gatilhos que se acendem repetidamente, tais como "terroristas", "negadores do Holocausto", "islamistas", "ameaça à existência", "mulás loucos", etc.

Depois há a linguagem que é suposto guardar incondicionalmente o "direito à existência" de Israel: tudo o que evoca o Holocausto, o anti-semitismo e os mitos sobre os direitos históricos dos judeus à terra que lhes foram legados pelo Todo-Poderoso - como se Deus estivesse no negócio imobiliário. Esta linguagem visa não só assegurar que uma ligação judaica à Palestina continue a ser inegável, mas sobretudo punir e marginalizar aqueles que se preocupam com a legitimidade desta experiência colonial moderna. O facto de este abuso da religião judaica por centenas de milhares, se não milhões de crentes, ser profundamente abominado, é completamente ignorado pelo establishment político alemão.

Ignora também um princípio fundamental da religião, que é defendido por muitos judeus profundamente religiosos. Segundo a Torah, a primeira parte da Bíblia hebraica, o Estado de Israel

só pode ser proclamado pelo Messias. Por conseguinte, o Estado de Israel é rejeitado pelos ortodoxos. Algumas facções sionistas, a propósito, vêem o Holocausto como um castigo para os judeus, porque não teriam seguido o apelo de Deus para virem a Israel.

Mas sim, há outro gatilho. Quem fala de colonização é anti-semita, como se diz na Alemanha, esquecendo que a ONU também falou dela... e do direito dos movimentos de libertação à resistência armada... Depois, em caso de emergência, a ONU é também declarada anti-semita.

Não existe um "conflito israelo-palestiniano" - o que indicaria uma espécie de igualdade de poder, sofrimento e bens materiais negociáveis, e não há qualquer simetria nesta equação. Israel é o ocupante e opressor; os palestinos são os ocupados e os oprimidos. O que há para negociar? Israel controla tudo. Poderiam devolver algumas terras, propriedades, direitos, mas mesmo isso seria um absurdo - porque, e tudo o resto? E quanto a TODAS as terras, propriedades e direitos? Em que medida é a apropriação de terrenos e propriedades antes de 1948 fundamentalmente diferente da apropriação de terrenos e propriedades num dado momento, em 1967? Por que razão são os colonos antes de 1948 diferentes dos que colonizaram e se estabeleceram depois de 1967?

E sim, vem agora o apelo à resolução da ONU, que supostamente daria a Israel todos os direitos. Mas veja-se esta resolução. Contém tantos pontos que Israel está a violar que parece ridículo que os sionistas o invoquem. Para não mencionar que a Resolução 181II fala de um Estado de Israel e de um Estado da Palestina. Até o Nakba foi completamente contra o espírito e o texto da resolução. E a simples anexação de terras palestinas pelos colonatos, estradas e muro de separação seria suficiente para provar que Israel não está de modo algum a cumprir as condições da Resolução 181(II).

Daí o receio que os sionistas possam ter. Eles sabem porque continuam a insistir no "direito de existir". No entanto, elas existem. E também existiriam se os palestinos tivessem os mesmos direitos que os israelitas judeus. Os sionistas afirmam que deixariam de existir se fossem privados do direito de governar sobre os outros. Esta é a essência da sua interpretação do "direito à existência".

Israel teme a "deslegitimação" mais do que qualquer outra coisa. Por trás do cenário do "Estado democrático" está um Estado construído sobre mitos e narrativas e protegido apenas por um gigante militar, milhares de milhões de dólares de ajuda norte-americana e um único veto, o dos EUA, no Conselho de Segurança da ONU. Nada mais se interpõe entre o Estado e a sua dissolução. E se olharmos mais de perto, vemos que Israel não tem sequer os fundamentos de um Estado

normal. Ao fim de 64 anos, já não tem fronteiras. Mais de meio século depois, e ainda precisa de uma enorme força militar só para impedir os palestinianos de regressarem a casa.

A coisa mais importante que podemos fazer quando vemos a solução de um Estado no horizonte é abolir rapidamente o antigo regime linguístico. Nada disto foi real - foi apenas a expressão desse "jogo" em particular. O novo Estado em que Israel irá inevitavelmente sofrer uma mutação num dia será também o início da grande reconciliação no Médio Oriente, ou mesmo da humanidade. Muçulmanos, cristãos e judeus viverão juntos como iguais e em paz na Palestina, como fizeram no passado.

E não, ninguém odeia os judeus. Este é o último argumento a que se volta sempre quando nada mais ajuda. É como uma última muralha para proteger este Estado de apartheid israelita. Quando vemos os judeus ortodoxos, como se manifestam contra o sionismo nas suas centenas de milhares, ou os judeus liberais, que na sua maioria rejeitam tacitamente o sionismo, e como vivem em conjunto com muçulmanos e outros grupos religiosos como é óbvio, podemos ver como é absurda a afirmação. Ou quando se vêem as manifestações que judeus e muçulmanos organizaram de mãos dadas contra a lei do Estado-nação. Odeia-se a repressão, o disparo contra a vedação de Gaza, a recusa de regresso dos refugiados, o estado de apartheid. Se desaparecer, o ódio que desapareceu após a guerra entre os alemães e os franceses também desaparecerá. Para além do ódio irracional de alguns racistas, que também é dirigido contra os judeus, que são erradamente considerados como membros de uma raça, apesar de se tratar de uma comunidade religiosa.

Mas as forças liberais em Israel não têm actualmente qualquer hipótese contra os movimentos sionistas, porque os países ocidentais apoiam incondicionalmente estes últimos. Excepto, evidentemente, os habituais discursos ou votações na ONU, em que não se pode deixar de votar a favor dos direitos humanos, pois, caso contrário, seria tudo demasiado revelador.

Os palestinianos têm-se mostrado pacientes e clementes. A extensão do derramamento de sangue que sofreram às mãos dos seus opressores não teve uma reacção proporcional, apesar de a propaganda israelita ter afirmado repetidamente o contrário. Basta olhar para o número de vítimas de qualquer confronto.

A solução do Estado único não é tanto a morte de um Estado judeu, mas sim o fim dos últimos resquícios do colonialismo moderno. Israel-Palestina como uma unidade onde todos os cidadãos têm direitos iguais, as minorias são protegidas e as religiões não têm influência sobre os privilégios, ou seja, o futuro. Estamos no século XXI.

A luta anti-apartheid na África do Sul durou mais de 30 anos. A luta nesta tradição pelo movimento BDS começou em 2005, por isso acho que ainda temos de ser pacientes. Mas nunca devemos perder de vista o objetivo. Tal como o movimento BDS foi difamado como "anti-semita" por membros do Bundestag, os principais protagonistas do movimento de libertação sul-africano, o ANC ou Congresso Nacional Africano, tinham sido incluídos como terroristas em países ocidentais nessa altura, incluindo Nelson Mandela. E quando o Congresso americano aprovou uma lei para matar o sistema em Pretória, e os bancos americanos se retiraram, o fim do apartheid foi há muito selado. E foi apenas e exclusivamente a pressão das bases que levou a isso. Como de costume, o estabelecimento só tinha saltado para um comboio imparável. Não devemos, portanto, ter esperança na liderança política. A resistência deve vir de baixo, até que o estabelecimento não possa fazer o contrário.

E se são rotulados como anti-semitas porque são a favor da democracia e dos direitos humanos, então é esse o preço que todos temos de pagar. Mas não nos afetará, mas acabará por levar o termo "anti-semitismo" ao absurdo. E se os direitos humanos são apenas utilizados para proteger os sionistas, mas não para proteger as pessoas dos sionistas, então não são direitos humanos, mas sim direitos sionistas.

Dizem que a história não se repete. Isso é certamente verdade, mas, como disse, são muitas vezes muito semelhantes. E quando os políticos alemães afirmam que o sionismo deve ser apoiado a todo o custo, ignorando os crimes que comete, mostra que os políticos usam a história, incluindo os crimes alemães, como pretexto para seguir a alegada razão de Estado. E usar a história como motivo para encobrir crimes não é novidade na história do mundo. Como até um estudo científico judeu-israelita demonstrou agora.

Quando os governos de extrema-direita de Israel, devido ao estatuto reivindicado pelo sionismo como sionistas para ser a "representação do povo judeu", mas branqueiam os neonazis e os grupos anti-semitas na medida em que apenas apoiam a sua luta contra os direitos dos palestinianos, esta é mais uma prova de que não representam todo o povo judeu. E não há necessidade de os rabinos do movimento True Torah ou de outros movimentos judaicos rejeitarem categoricamente esta afirmação. E também por esta razão, a exigência de direitos humanos e democracia em Israel nada tem a ver, mas também nada tem a ver com a negação do direito do povo judeu a existir, ou do seu direito a praticar a sua religião. A única coisa que é contestada é o direito dos sionistas a negar a outras pessoas precisamente esses direitos. E se você não sabe a diferença entre o judaísmo e o sionismo, você deve assistir a este vídeo de True Torah Jews .

E se em breve, à sombra da crise da Corona, Israel anexar formalmente mais territórios palestinos depois de Jerusalém Oriental e dos Montes Golan, isso ficará novamente sem reações da "comunidade de valores". E mais uma vez, a hipocrisia e as mentiras serão expostas. E os políticos alemães voltarão a trair os ensinamentos de Auschwitz: "Não desviem o olhar quando a injustiça é feita".

Fontes e notas:

1. <https://twitter.com/btselem/status/1254331869681856512>
2. <https://english.alaraby.co.uk/english/news/2020/4/1/israeli-forces-steal-coronavirus-food-aid-for-palestinians>
3. <https://english.palinfo.com/news/2020/3/27/israeli-soldiers-spit-at-palestinian-houses-amid-coronavirus-outbreak>
4. <https://english.palinfo.com/articles/2020/4/24/UN-reports-about-Israeli-violations-lack-meaningful-political-action>
5. http://www.alitheia-verlag.de/product_info.php?products_id=30 gedruckt: http://www.alitheia-verlag.de/product_info.php?products_id=31
6. https://de.wikipedia.org/wiki/Humes_Gesetz
7. <https://youtu.be/MuLYtdeM3W4> und <https://youtu.be/uAvsqgc0OW8>
8. <https://youtu.be/kck27a-Y9Ko> Beispiel: True Torah Jews
9. https://www.deutschlandfunkkultur.de/ultra-orthodoxe-gegen-den-staat-israel-die-idee-des.1278.de.html?dram:article_id=417316
10. <https://youtu.be/uAvsqgc0OW8>
11. United Nations: »Importance of the universal realization of the right of peoples to self-determination and of the speedy granting of independence to colonial countries and peoples for the effective guarantee and observance of human rights«, A/RES/33/24, 29. November 1978, <https://unispal.un.org/DPA/DPR/unispal.nsf/0/D7340F04B82A2CB085256A9D006BA47A> und »Strongly condemns all Governments which do not recognize the right to self-determination and independence of peoples under colonial and foreign domination and alien subjugation, notably the peoples of Africa and the Palestinian people;« <https://unispal.un.org/DPA/DPR/unispal.nsf/0/C867EE1DBF29A6E5852568C6006B2F0C>
12. United Nations: »Resolution 181(II). Future government of Palestine«, unispal.un.org, 29. November 1947,

<https://unispal.un.org/DPA/DPR/unispal.nsf/0/7F0AF2BD897689B785256C330061D253>

13. <https://www.haaretz.com/israel-news/.premium-in-show-of-renewed-activism-arab-israelis-to-protest-nation-state-law-1.6364302>

14. <https://twitter.com/TorahJews/status/1204630664156499968>

15. Ein Artikel in Haaretz vom 6. Juni, mit dem Titel »Weder Israels, noch Deutschlands Abrutschen in den Faschismus war zufällig«, erklärt, dass weder das Abrutschen Israels in den Faschismus, noch das Deutschlands im so genannten Nationalsozialismus, aus Versehen passiert wäre. Nun wird immer wieder behauptet, jeder Vergleich zwischen der Entstehung des Faschismus in Deutschland und der Entwicklung in Israel wäre Antisemitismus. In Australien hatte dies im Prinzip den Ausschlag für die Entlassung von Professor Tim Anderson gegeben. In Deutschland wird jede Diskussion darüber sofort mit der Antisemitismuskeule abgewürgt. Nun wird diese Behauptung durch eine offizielle israelische wissenschaftliche Analyse, welche in diesem Artikel dargelegt wird, widerlegt.

<https://www.haaretz.com/israel-news/.premium.MAGAZINE-neither-israel-s-nor-germany-s-slide-into-fascism-was-accidental-1.7338787>

16. Zum Beispiel:

<https://www.haaretz.com/opinion/will-israel-abet-hungary-s-whitewash-museum-1.6725312>

oder

<https://www.haaretz.com/opinion/ukraine-nationalists-are-using-a-jew-to-whitewash-their-nazi-era-past-1.5464194>

17. <https://youtu.be/kck27a-Y9Ko>

+++

Obrigado ao autor pelo direito de publicar o artigo.

+++

Fonte da imagem: [Andrew V Marcus](#)/ shutterstock

+++

A KenFM esforça-se por obter um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir os pontos de vista dos redactores.

+++

Gosta do nosso programa? Informações sobre outras possibilidades de apoio aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora também nos pode apoiar com as Bitcoins.



BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK